

“A FAVELA DE INFLUÊNCIA”: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DOS RACIONAIS MCs *

Ana Raquel Motta de SOUZA

RESUMO *A dissertação que deu origem ao presente artigo é uma análise das práticas discursivas a que adere o grupo de rap paulistano Racionais MCs. Tendo como referencial teórico a análise do discurso, em especial a obra Genèses du Discours, do autor francês Dominique Maingueneau, analisou-se o corpus, que é composto, basicamente, dos cinco discos do grupo. Todas as letras dos raps contidos nesses cinco discos foram transcritas nos anexos da dissertação.*

O primeiro capítulo traça um breve panorama histórico do rap (rhythm and poetry). Faz também uma reconstituição histórica do surgimento e trajetória do grupo Racionais MCs. Ainda nesse capítulo, estabelece-se uma breve discussão conceitual sobre o rap ser um gênero independente, que pode ser usado por qualquer grupo social, ou parte de uma determinada formação discursiva.

Os segundo e terceiro capítulos aplicam à obra dos Racionais as sete hipóteses do livro Genèses du Discours. O segundo capítulo engloba as quatro primeiras hipóteses e o terceiro capítulo engloba as três últimas.

O quarto e último capítulo foca especificamente a construção do ethos discursivo dos Racionais MCs, levantando e analisando cinco características que se depreendem do corpus de estudo como fundamentais para a constituição do sujeito autorizado por esta formação discursiva.

ABSTRACT *This work is an analysis of the discursive practices utilized by the rap group Racionais MCs, from São Paulo. The corpus, basically the five records by the group, was analyzed taking as theoretical reference the book Genèses du Discours, by the French writer Dominique Maingueneau.*

The first chapter outlines a brief historic context of rap (rhythm and poetry). It also reconstitutes the history of the sprouting and evolution of the group Racionais MCs. Still in this chapter, a brief conceptual discussion takes place about rap being an

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 20 de dezembro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo.

independent music style, that can be used by any social class, or still part of a determined discursive formation.

*The following chapters, second and third, apply to the Racionais' work the seven hypotheses from the book *Genèses du Discours*. The second chapter covers the first four hypotheses and the third chapter refers to the last three.*

The fourth and last chapter focuses specifically on the construction of the discursive ethos of the Racionais MCs, raising and analyzing five characteristics that are perceived from the corpus of study as key to the constitution of the subject authorized by this discursive formation.

1. INTRODUÇÃO

**“Meu delito: um rap que atira consciência
É crime hediondo, a favela de influência”**
(Edi Rock, “Na fé irmão”, in “Chora Agora” -
“Nada como um dia após o outro dia”, 2002)

A dissertação de Mestrado da qual o presente artigo faz a síntese é uma análise das práticas discursivas a que adere o grupo de rap Racionais MCs, considerado por grande parte do público e da mídia como o mais importante grupo desse gênero musical no Brasil.

O primeiro passo de minha pesquisa foi transcrever as letras dos cinco discos dos Racionais, uma vez que precisava desse material para análise e, por uma característica de oralidade, não há letras nos encartes. O processo de transcrição foi muito rico, pois, através dele, entrei em contato intenso com esse discurso em suas múltiplas dimensões: enunciados, modalidade enunciativa, ritmos, tom, entre outros. As mais de 150 páginas de transcrição compõem os anexos da dissertação, que, espero, possam servir a todos os que queiram se aproximar do rap nacional.

Pela riqueza de meu corpus de estudo, ao mesmo tempo em que me encantava com a força e contundência da obra dos Racionais, muitas vezes me perdia diante dos diversos caminhos de análise que o material me suscitava. A definição da metodologia do trabalho veio do livro *Genèses du Discours*, de Dominique Maingueneau. Esse livro propõe, de maneira clara e exemplificada, sete hipóteses para análise de um discurso. Em sua primeira hipótese, valoriza a heterogeneidade através de uma visão do interdiscurso como anterior e constitutivo do discurso. Na segunda, postula uma competência discursiva que permite que haja a incorporação do discurso por seus sujeitos. Na terceira, vê o discurso como um sistema de restrições globais, analisando-o como um todo, sem hierarquizar nenhum de seus planos. A quarta hipótese retoma a competência discursiva como interdiscursiva, analisando o processo de interincompreensão regrada que rege a relação entre discursos antagonistas. A quinta hipótese amplia o escopo da análise, que passa de somente verbal para a análise de práticas discursivas, o que inclui a institucional. Na sexta, o foco é a produção discursiva

não-verbal: das artes plásticas, da roupa, da dança, da música, etc. Por fim, a sétima e última hipótese busca correspondências entre discurso e história.

Decidi que, para organizar a imensidão que são os Racionais MCs, seguiria os passos propostos por Maingueneau em *Genèses*, considerando que uma abordagem do discurso como práticas discursivas seria ampla o bastante para pesquisar um corpus tão multifacetado quanto o que eu havia escolhido. A partir dessa decisão, consegui organizar toda a análise que pretendia e conceber a dissertação nos quatro capítulos que a compõem.

No primeiro capítulo, a título de aproximação com o corpus, traço um breve panorama histórico do rap desde seu surgimento, nos EUA na década de 1960, passando por sua chegada ao Brasil, na década de 1980 e focando-me na trajetória do grupo Racionais MCs. Ainda nesse capítulo, levanto a questão sobre o rap ser apenas um gênero musical, que pode ser utilizado por diferentes grupos sociais, ou parte de uma formação discursiva definida.

No segundo capítulo, inicio o trajeto de *Genèses du Discours*, aplicando, aos Racionais MCs, as quatro primeiras hipóteses que são propostas nesse livro. No terceiro capítulo, que tem o mesmo nome do segundo, acrescido de “parte II”, continuo seguindo as hipóteses de *Genèses*, englobando as três últimas.

Um quarto capítulo foi necessário, para desenvolver o conceito de ethos, que fora apenas insinuado em *Genèses* e que é bastante relevante para se compreender os Racionais MCs. Afinal, para ser um sujeito autorizado por essa formação discursiva, é preciso ter algumas características. Como base teórica para a análise do ethos, utilizei o próprio Maingueneau (1987; 2001) em trabalhos posteriores, além de Barthes, que retoma o conceito de ethos da retórica de Aristóteles.

2. ASPECTOS DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA OBRA DOS RACIONAIS MCs

No primeiro capítulo da dissertação, é realizado um breve levantamento histórico do rap, desde seu surgimento, na década de 1960 nos EUA, passando por seu início no Brasil, na década de 1980, e chegando à configuração dessa manifestação artística nos dias atuais em nosso país. Por ser um fenômeno cultural bastante recente, de aproximadamente 40 anos, é possível reconstituir sua história desde o início.

Essa reconstituição serve para localizar historicamente os Racionais MCs, cuja obra será objeto de análise nos três capítulos posteriores. Como fontes de minha pesquisa histórica, utilizo basicamente três textos: SILVA (1998); TELLA (2000) e ROCHA et al (2001). Também tomo como base a entrevista dos Racionais ao Programa Ensaio¹, em que os rappers contaram sua trajetória.

¹ Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.

Nos itens que compõem o capítulo, traço, em primeiro lugar, um pequeno histórico do rap nos EUA, em seguida, trato da chegada do gênero ao Brasil, num terceiro momento, apresento a trajetória dos Racionais MCs e sua discografia, que constituem o corpus de minha pesquisa e, por último, analiso a polêmica sobre o rap ser um gênero ou uma formação discursiva.

Com esse procedimento, pretendo apontar elementos importantes das Condições de Produção (C.P.) deste discurso. A noção de C.P., segundo Courtine (1981), tem dois aspectos fundamentais: a dimensão enunciativa e a dimensão de luta historicamente condicionada.

3. A GÊNESE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DOS RACIONAIS MCs

“...devemos resignar-nos a falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também a falar apenas de alguns pensando falar de todos.”

(Dominique Maingueneau, *Genèses du Discours*, int., p. 10)

Nos capítulos dois e três, busco caracterizar o funcionamento discursivo da obra dos Racionais MCs, partindo da hipótese de que as ações e textos do grupo compõem uma prática discursiva ideologicamente organizada. Para tanto, tomo como base teórica o livro *Genèses du discours*², de Dominique Maingueneau (1984), por considerar que este apresenta uma proposta muito bem construída e bastante aplicável para análise de um discurso. Essa proposta articula, no nível do discurso, elementos como “enunciado e enunciação, linguagem e contexto, fala e ação, instituição lingüística e instituições sociais” (op. cit., int., p. 8), abrangendo de forma integradora as dimensões que considero importantes para a análise das práticas discursivas dos Racionais MCs. Outros conceitos teóricos, além dos que apresenta esse livro, são postos em funcionamento de acordo com a necessidade da análise.

Em sua introdução, *Genèses du discours* apresenta uma caracterização geral do que são discursos, definindo-os “como integralmente lingüísticos e integralmente históricos” (op. cit., int., p. 1), isto é, objetos que se constituem através de uma dupla restrição: a do dizível na língua e a do dizível na cenografia discursiva. O esforço teórico da proposta de Maingueneau se pautará por dar relevância a esses dois aspectos do discurso, articulando-os na análise.

Em busca dessa articulação, não cabe pensar no texto como sendo composto de uma estrutura profunda e uma superficial, a primeira mais ligada à história e a segunda

² Utilizarei nas citações a tradução da obra, feita por Sírio Possenti, e seguirei a paginação dessa tradução. Agradeço ao tradutor por ceder aos seus alunos um exemplar, que se encontra em processo de publicação.

à realização lingüística final – ou terminal - do discurso. Ao invés dessa dicotomia, o autor ressalta a importância de compreendermos a “semântica global” dos discursos, rejeitando a idéia de que eles tenham uma base e uma camada que se mostra e vendo-os como se apoiando “sobre todas as suas dimensões” (op. cit., int., p. 3).

Ao rejeitar a “concepção arquitetural do discurso” (op. cit., int., p. 4), o autor evoca a crítica de Derrida às análises que procuram “forma”, “sentido”, mas se esquecem da “força”, “da energia viva do sentido”. Essa observação de Derrida é especialmente importante dado o meu objeto de estudo: um grupo de rap atual, que é um dos gritos mais vivos e contundentes que temos ouvido nos últimos tempos em nosso país.

Após a introdução, o livro é dividido em sete capítulos, cada um enfocando uma das sete hipóteses fundamentais que o autor propõe a respeito do funcionamento dos discursos, quais sejam:

Primeira hipótese: O interdiscurso precede o discurso;

Segunda hipótese: Há um sistema de restrições que delimita uma competência discursiva;

Terceira hipótese: O discurso deve ser analisado através de uma semântica global;

Quarta hipótese: A competência discursiva é interdiscursiva; os discursos antagonistas se relacionam através da interincompreensão regrada;

Quinta hipótese: O discurso deve ser visto como uma prática discursiva;

Sexta hipótese: As práticas discursivas são intersemióticas;

Sétima hipótese: As práticas discursivas são inscritas sócio-historicamente.

Em minha análise, relaciono as práticas discursivas dos Racionais MCs a cada uma das sete hipóteses apresentadas por Maingueneau. No capítulo dois, trabalho com as quatro primeiras hipóteses e, no três, com as três últimas. Maingueneau considera que as duas primeiras hipóteses são compatíveis com as preocupações recorrentes no Círculo de Bakhtin³, por relacionarem o discurso com outros discursos. A terceira integra, através da semântica global, os diversos aspectos de um discurso e a quarta investiga como os enunciadores operam a partir dessa semântica global. Já as três últimas – que são tratadas por mim no capítulo três - relacionam o discurso com âmbitos tradicionalmente heterogêneos de análise: com a instituição que o possibilita e que é possibilitada por ele; com outras práticas semióticas, que não a linguagem verbal; com o contexto sócio-histórico. Cabe ressaltar que os discursos que são analisados pelo autor em seu corpus são os de duas ideologias religiosas da França do século XVII, que ele havia anteriormente pesquisado. Obviamente, portanto, nem tudo do que *Genèses* trata é relevante para meu procedimento de análise, dado meu corpus ser absolutamente diferente: um grupo de rap paulistano do fim do século XX e início do XXI.

³ O pensador russo Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) desenvolveu, junto a outros estudiosos no que ficou conhecido posteriormente como “Círculo de Bakhtin”, reflexões e idéias lingüísticas que, valorizando o caráter dialógico da linguagem, influenciaram e influenciam, dentre outras áreas, a Análise do Discurso.

Quanto à aplicação da primeira hipótese à obra dos Racionais, analiso a relação dessa formação discursiva com o discurso nomeado pelo grupo como o do “sistema”. O interdiscurso que se estabelece com esse discurso antagonista apresenta pontos complexos e por vezes contraditórios, se considerarmos o modo como o “sistema” é visto e valorado.

Na segunda hipótese, desenvolvo as duas operações semânticas básicas para este discurso, que serão constantemente retomadas em minha análise: a **autovalorização** e a **radicalização**.

Com relação ao estabelecimento de uma “semântica global”, objeto de esforço da terceira hipótese, Maingueneau afirma que não é coerente privilegiar quaisquer dos planos lingüísticos ou discursivos, mas sim que se deve integrá-los através do sistema de restrições semânticas próprio daquele discurso. Nesse sentido, são recusadas abordagens que privilegiam a dimensão léxica ou sintática de um discurso ou que buscam seu sentido profundo, muitas vezes desprezando dados qualificados como superficiais ou fantasiosos. Também é recusada a redução da formação discursiva a uma “visão de mundo”, pois “as restrições da semântica global não são somente destinadas a analisar ‘idéias’, elas especificam o funcionamento discursivo que, em graus diversos, investiu o vivido dos sujeitos” (op cit, cap. III, p. 16). Recusando qualquer hierarquia entre os planos da semântica global de uma competência discursiva, Maingueneau escolhe alguns deles para ilustrar o funcionamento discursivo, mas afirma que tanto os planos escolhidos quanto a ordem em que vai apresentá-los não é um modelo teórico a ser seguido. Mesmo porque o enunciador não escolhe “previamente um tema, depois um gênero literário, depois um vocabulário, etc...” (op. cit., cap. III, p. 2). Assim sendo, dada a especificidade de meu objeto e a organização que escolhi para minha análise, trato dos planos: “a intertextualidade”; “o vocabulário”; “os temas”; “a dêixis enunciativa” e o “modo de coesão”.

Na quarta hipótese, que postula o processo de interincompreensão regrada e a construção de simulacros, analisei alguns dos simulacros trabalhados nas práticas discursivas dos Racionais, como, por exemplo, “o playboy”; “a puta de olhos azuis”; “o negro limitado”.

Quanto à quinta hipótese, tratei discursivamente do caráter institucional da empresa Racionais MCs, relacionando-a com a instituição do rap nacional.

Na aplicação da sexta hipótese, que trata do discurso como intersemiótico, analisei o vestuário dos rappers e as capas e encartes dos discos.

Por fim, na última hipótese, que traça um esquema de correspondência entre discurso e história, destaquei a relação entre enunciados dos Racionais e de outros movimentos sociais, como o movimento negro e o MST, por exemplo, além de estabelecer um paralelo entre alguns enunciados do grupo e parte do discurso do presidente Lula sobre sociedade.

4. A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DOS RACIONAIS MCs

O rap é uma forma artística fortemente marcada pela relação com suas condições de produção. Para ser considerado um rap legítimo, é condição necessária, mas não suficiente, ter as características formais do gênero. Além disso, é preciso mais. É preciso que o texto saia da boca de quem tem o direito, de acordo com a comunidade discursiva, de proferi-lo.

Maingueneau (2001) considera que “*não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala*” (pág. 99, destacado em itálico pelo autor), portanto, todos os elementos que envolvem a cena discursiva são importantes discursivamente. Dentre esses elementos, o autor trabalha, na análise do discurso, com uma redefinição da noção de ethos da retórica tradicional, como aquilo que o orador revela sobre si mesmo quando enuncia **o que enuncia da forma como enuncia**. Como componentes desse ethos, Maingueneau inclui o “caráter” e a “corporalidade”:

O ‘caráter’ corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a ‘corporalidade’ corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. (MAINGUENEAU, 2001, p. 98)

Claramente se delineou para mim, na aproximação como analista do discurso dos Racionais, o papel central que tem o ethos discursivo. A roupa, a dança, os gestos, o tom de voz, o volume com que cantam, o falar sobre o proceder correto do rapper, a própria classificação de si como um missionário, um conscientizador. São vários os elementos que demonstram que, para ser sujeito desse discurso, é preciso ser de determinada maneira, ter algumas características.

Certamente concordo com Maingueneau quando diz que não podemos reduzir a voz do fiador do discurso, que se constrói através de vários indícios, à oralidade do indivíduo que fala; nem reduzir o corpo enunciante, que o leitor ou ouvinte compõem a partir das corporalidades valorizadas ou desvalorizadas por uma formação discursiva, ao corpo do autor efetivo. No entanto, a especificidade do rap nesses aspectos precisa ser levada em conta. A corporalidade e a voz no rap não são baseadas apenas no que o enunciatário imagina ou constrói através de indícios do texto, diferentemente do que afirma Maingueneau (2001, p. 98 e 1987, p. 80) para os textos escritos. A corporalidade do rapper se vê - nas fotos dos discos, nos shows, nas revistas e sites -, seu tom de voz se ouve em suas músicas. É importante ressaltar que raramente um rapper canta músicas de outro, como se cada letra só pudesse ser proferida pela voz de quem a compôs. Desse modo, no rap, o lugar de sujeito do discurso não é ocupado até certo ponto indiferentemente por qualquer indivíduo, conforme postula a Análise do Discurso. O “eu” de uma letra de rap é, na maioria das vezes, colado à pessoa que formulou aquele enunciado.

Em meu estudo do ethos dos Racionais, apesar de não me limitar à oralidade e ao corpo dos quatro rappers que venho estudando, levo estes dados em conta, por serem parte importante na construção de um enunciador típico para essas práticas discursivas.

As roupas são largas e muitas vezes remetem ao contexto negro estadunidense, através de camisas de time de basquete e bonés, por exemplo. O gestual com a mão e o corpo é quase coreografado, os rappers se movimentam e andam de forma parecida (gingando o corpo para os lados, mexendo vigorosamente braços e mãos quando falam, muitas vezes fazendo uma “arma” com as mãos ou a sigla “V. L.” – vida loka - com os dedos abertos). Essa corporalidade, e o mesmo ocorre com o caráter, é extremamente influenciada pelas duas operações semânticas fundamentais dessas práticas discursivas: a **radicalização** e a **autovalorização**.

No sentido do que foi dito acima, é importante levar em conta o aspecto da “incorporação” de um discurso, que Maingueneau define como uma “intrincação radical do discurso e de seu modo de enunciação” (1984, cap. III, p. 14). E continua:

1. O discurso, através do corpo textual, faz encarnar-se o enunciador, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a ‘incorporação’ pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com o outro;
3. Essa dupla ‘incorporação’ assegura ela própria a ‘incorporação imaginária’ dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso. (op. cit., cap. III, p. 14)

Assim, o modo de enunciação integra os rappers e seu público nesse discurso, valorizando elementos de caráter e corporalidade para as práticas que são compartilhadas.

Jotabê Medeiros inicia a orelha do livro “Hip Hop – a periferia grita”⁴ assim:

Reza a cartilha que hip hop é coisa de preto, pobre, macho, politizado, socialmente consciente, independente, raivoso.

Embora vá, na seqüência, relativizar essa primeira afirmação que “reza a cartilha” do Hip-Hop, o ethos **radicalizado** do rapper está posto para sua comunidade discursiva, nas dimensões de caráter e corporalidade. É interessante o uso do verbo “rezar” e do substantivo “cartilha”, que se ligam fortemente à doutrinação. Esse é um aspecto bem forte na formação discursiva dos Racionais.

O próprio Mano Brown, em entrevista ao Programa Ensaio⁵, conta sua desconfiança quando foi levado a conhecer Jocenir, sobrevivente do massacre do Carandiru com quem fez parceria no rap de enorme sucesso “Diário de um detento”⁶. O rapper estava na Casa de Detenção (Carandiru) para um jogo de futebol em comemoração pelo aniversário de um amigo que estava preso. Alguns detentos lhe falaram de Jocenir, que seria “um tiozinho do Pavilhão 2 que faz umas poesias muito loucas”. Brown, ressaltando que não pega letra de ninguém, concordou em conhecê-lo. E conta sua estranheza:

Era um tiozinho branco, calvo, e eu falei assim ‘nada a ver, né, meu’.

⁴ Rocha et al (2001).

⁵ TV Cultura, 28/01/2003.

⁶ In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

A corporalidade de Jocenir não combinava com a de um rapper, pois ele era de uma faixa etária mais elevada (“tiozinho”); era branco e calvo.

Milton Sales, mentor da formação dos Racionais, também comenta a estratégia de construção da imagem do grupo, que podemos relacionar com uma espécie de ethos pretendido:

A imagem dos Racionais não é uma parada de imitar americano, é uma cara fechada, que reflete a cara de São Paulo. Aqui não é praia, não é festa o tempo todo e, por isso, a música também não é alegre, como o Miami bass. Quando o cara vai propagar uma idéia para milhares de pessoas, que serão militantes do hip hop, tem que ser assim. Quem fala demais dá bom-dia a cavalo, quando se fala pouco, corre-se menos risco. Não se mostram os caminhos para o poder.⁷

Certamente alguns poderiam argumentar que em todas as formações discursivas – e até em situações ideologicamente menos organizadas - há lugar para o ethos. Que sempre que se fala, se fala sobre si próprio também (direta ou indiretamente). Maingueneau (2001) analisa enunciados da publicidade francesa, descrevendo, por exemplo, como um texto de frases objetivas é capaz de sugerir um enunciador “homem-de-negócios-sem-tempo-a-perder” (pp. 95 e 96), bem apropriado para a propaganda de uma companhia aérea.

No entanto, no caso do rap politizado das periferias do Brasil, isso ocorre de maneira bastante central e bastante **radical**. Conforme analisei nos capítulos precedentes, falar de rap no contexto a que me refiro é falar de vidas, de lutas, de pessoas que vivem visceralmente envolvidas com sua produção.

Barthes (1975), ao analisar a retórica antiga, fala sobre ethos e o classifica mais como um “tom” do que como caracteres explícitos na fala, mais como uma “psicologia imaginária” do que como uma “psicologia expressiva”. Embora, para a retórica antiga e para boa parte dos textos atuais, o ethos seja algo que se deduz, e embora Aristóteles e Barthes considerem como não eficaz o ethos declarado, isto é, aquilo que o enunciador diz explicitamente de si em seu discurso, o caráter e a corporalidade que legitimam o enunciador dos raps dos Racionais MCs são bastante e nitidamente delimitados. E essa explicitação do ethos não é exclusividade do rap, aparecendo também em diversas manifestações culturais em que predomina a exibição oral.

O capítulo quatro da dissertação analisa algumas das características de caráter e corporalidade que estão presentes no enunciador autorizado pela formação discursiva estudada. São características que o tipo de rapper analisado tem que ter para ser considerado apto para sua função, ou que desenvolve justamente por ser um rapper desse tipo. Assim, procuro retomar e analisar o ethos⁸ que se depreende das práticas

⁷ In Rocha et al (2001, p.136).

⁸ A análise do enunciador característico de – ou autorizado por – uma formação discursiva se aproxima de uma análise do ethos, embora não sejam exatamente os mesmo conceitos.

discursivas ligadas aos Racionais MCs, o que inclui os seguintes aspectos: **1. ser da periferia; 2. ser um performer na periferia; 3. identificar-se com seu público; 4. ser representante de sua comunidade; 5. ter bom proceder em sua vida.**

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ter como corpus a obra dos Racionais MCs, isto é, algo extremamente contundente, vivo e contemporâneo, é um pouco difícil estabelecer conclusões. Prefiro, por isso, elaborar breves considerações finais, que expressem como avalio o ponto a que consegui chegar com esta pesquisa.

Termino esta dissertação afirmando a certeza da importância discursiva da obra dos Racionais MCs, o que, nos dois anos em que realizei minha análise, ficou patente. Em nenhum momento senti escassez de exemplos e de enunciados para sustentar minhas hipóteses. Pelo contrário, conforme explicito na Introdução, a abundância e força do corpus eram tantas, que, por vezes, me sentia sendo levada por essa correnteza de raciocínios, ações, palavras, imagens, vozes, sons que compõem as práticas discursivas do grupo.

Como forma de organizar esse turbilhão que é meu corpus de pesquisa, o livro *Genèses du discours* foi fundamental. Sua abordagem fez com que eu buscasse e definisse um sistema global de restrições semânticas, que foi capaz de explicar os diferentes planos desse discurso. Seus avanços na direção da análise institucional, intersemiótica e histórica se mostraram extremamente adequados para minha aproximação às práticas discursivas estudadas, que transitam tão velozmente por “textos” (verbais e não verbais) de diferentes tipos.

A análise do ethos foi igualmente relevante na singularização de meu corpus, para a percepção da importância, nesta formação discursiva, de **ser** para poder **fazer**.

Pela amplidão discursiva da obra dos Racionais MCs, certamente muitos enunciados, traços e operações semânticas ficaram de fora de meu trabalho, pois seria impossível, em uma dissertação, esgotar o assunto. Espero ter feito escolhas acertadas sobre o que incluir em minhas análises. Espero ter conseguido realizar uma pesquisa coerente e coesa, dentro de meus limites de amadurecimento como analista do discurso.

Quanto aos Racionais, o futuro é impossível de se prever. Decerto se encontram em uma encruzilhada, dada por novas e bem diferentes condições de produção. O sucesso alcançado a partir de “Sobrevivendo no Inferno” (1997) trouxe consigo dinheiro, poder e dilemas, questões por vezes difíceis de se conciliar com rigidez.

O dilema principal se localiza na relação dos Racionais com o “sistema”, outrora generalizado pelo grupo como todo o mundo não negro e não periférico. Atualmente o rap se expande, se encontra com o presidente Lula, é convidado para ir a programas televisivos dominicais, é tocado como tema de novela em horário nobre. Como os Racionais reagirão?

Por outro lado, outro dilema surge quando analisamos o último trabalho – “Nada como um dia após o outro dia” (2002). Alguns pontos de distanciamento se tornam marcantes entre Mano Brown e Edi Rock, os dois principais letristas. Esses pontos divergentes podem trazer uma diversidade construtiva, mas podem também inviabilizar o grupo.

Pesquisar o contemporâneo implica muitas incertezas e alguns riscos, dentre eles o de ver parte de nossas análises infirmadas pela história. É um risco que assumo, por considerá-lo o revés de uma moeda que quero valorizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. (1998). *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BARTHES, R. (1975). *A retórica antiga*. In: COHEN, J. et alli. *Pesquisas de Retórica*. Editora Vozes.
- COURTINE, J-J. (1981). *Le discours communiste adresse aux chrétiens*. Langages, v. 62. Paris, Didier-Larousse.
- MAINGUENEAU, D. (1984). *Genèses du discours*. Bruxelles, Pierre Mardaga Editeur.
- _____. (1987). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Editora da Unicamp – Editora Pontes.
- _____. (2001). *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo, Cortez Editora.
- ROCHA, J.; DOMENICH, M. & CASSEANO, P. (2001). *Hip Hop - a periferia grita*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.
- SILVA, J.C.G. (1998). *Rap na cidade de São Paulo: Música, etnicidade e experiência urbana*. Tese de doutorado defendida no DCS/IFCH/UNICAMP.
- TELLA, M.A.P. (2000). *Atitude, arte, cultura e auto conhecimento – o rap como voz da periferia*. Dissertação de mestrado defendida no departamento de Ciências Sociais da PUC-SP.

DISCOGRAFIA

1. *Consciência Black – volume 1*, São Paulo, Zimbabwe Records, 1989.
2. *Racionais MCs Holocausto Urbano*, São Paulo, Zimbabwe Records, 1990.
3. _____. *Escolha seu caminho*, São Paulo, Zimbabwe Records, 1992.
4. _____. *Raio X do Brasil*, São Paulo, Zimbabwe Records, 1993.
5. _____. *Sobrevivendo no Inferno*, São Paulo, Cosa Nostra, 1997.
6. _____. *Nada como um dia após o outro dia*, São Paulo, Cosa Nostra, 2002.